

Texto do Convidado

O PET Economia e a emancipação social a partir da educação

Vinícius Vieira Pereira



Professor adjunto do departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e tutor egresso do Programa de Educação Tutorial PET-Economia/Ufes.

Minha trajetória como tutor do PET Economia Ufes pode ser contada a partir das transformações econômicas e sociais ocorridas na sociedade brasileira e mundial ao longo dos seis últimos anos em que estive junto ao programa, de dezembro de 2018 a dezembro de 2024, afinal, elas se refletiam no comportamento e no sentimento dos jovens estudantes com os quais tive o enorme prazer de conviver mais proximamente.

Confesso que aprendi muito mais do que pude ensinar. Mas, para além disso, tive a oportunidade de conhecer, por dentro, o programa mais revolucionário da educação superior no Brasil. Revolucionário pois capaz de transformar

profundamente a forma como o estudante universitário do nosso país interpreta a realidade brasileira, despertando nele a utopia de uma outra realidade social, mais harmoniosa, mais justa e igualitária.

No alvorecer de 2019, o país experimentava a ascensão da extrema-direita à frente do governo federal em nosso país. A ameaça contra as Universidades públicas, a promessa de cortes profundos nos gastos sociais, os pronunciamentos sobre privatizações e o discurso neoliberal em sua defesa do chamado estado mínimo prenunciavam o início de um período em que a sociedade brasileira se dividiria, pela intolerância e o ódio, entre os apoiadores e os críticos do novo governo. Mas não se tratava apenas de uma polarização política, pois o discurso ideológico disseminado pelo novo governo ia além e dividia a sociedade brasileira em duas metades: as chamadas pessoas “de bem”, patriotas e honestas, que comporiam a ala dos apoiadores, e pessoas suspeitas, ladrões, corruptos, comunistas, petistas, que estariam ao lado dos opositores do novo mandatário.

Em meio a essa realidade social, marcada pela insensatez, a intolerância e a insegurança em relação ao futuro, os jovens estudantes sofriam diante da incerteza, mergulhando na ansiedade, na depressão, no adoecimento mental. Dentro do PET Economia, tais sentimentos podiam ser percebidos facilmente, principalmente porque,

até mesmo usar uma camiseta da Ufes, ou do próprio PET Economia, nas ruas poderia ser motivo de hostilidades. Mas se tal cenário já se mostrava bastante constrangedor, a virada de 2019 para 2020 reservava algo ainda pior. A pandemia de Covid-19 que se alastrava pelo mundo a partir do oriente, chegaria de forma avassaladora ao Brasil já em março desse ano.

Mesmo em se tratando de um governo negacionista da pandemia, as medidas de contenção do vírus começaram a prevalecer, entre elas, o isolamento social, o que significou o confinamento familiar, a suspensão das aulas, o ensino à distância, em modo virtual, bem como a interrupção de todas as atividades acadêmicas, entre elas, as reuniões e as atividades de extensão do PET Economia. Se os jovens universitários já sofriam o impacto da mudança governamental e seus reflexos sobre suas vidas e suas atividades, a pandemia aprofundou ainda mais esse cenário.

A tristeza, a solidão, a abstinência do convívio social iam, aos poucos, causando graves danos a saúde mental dos e das estudantes. Isso se refletia visivelmente nos textos produzidos pelas(os) petianas(os). Em meio a esse caos, os veículos de comunicação do PET Economia nas redes sociais, que servem de divulgação de suas atividades, se tornaram a arma de defesa desses(as) jovens contra a inércia que o momento exigia. Os corpos continuavam isolados, mas as ideias circulavam como nunca antes imaginara-se possível. Resenhas, minicursos, podcasts, lives, revista no portal de periódicos da Ufes levavam à sociedade como um todo, via internet, o pensamento, o sentimento, os anseios e aspirações desses(as) inquietos(as) os(as) petianos(as). Além de suas

pesquisas e análises sobre a crise econômica e social que se alastrava.

Essa saída encontrada como resposta ao isolamento social ajudou a muitos, mas não a todos. Afinal a rotatividade de bolsistas e não-bolsistas do programa ampliava-se. As reuniões virtuais não conseguiam sustentar a integração, o apoio, a parceria, os diálogos e debates que marcavam os encontros presenciais, o que levou muitos ao desânimo e ao desestímulo. Além disso, a bolsa estudantil percebida pelos(as) petianos(as) se tornava, para parte desses(as) jovens, insuficiente para ajudar na manutenção de seus lares, haja vista a onda de desemprego que se sucedia à interrupção de muitas atividades econômicas consideradas não essenciais. Muitos e muitas se sentiram obrigados a partir em busca de uma remuneração um pouco maior e, por isso, abandonavam o programa. Sem falar naqueles jovens que não conseguiam reunir as condições ideais para acompanhar, a contento, as reuniões virtuais, afinal, faltava-lhes, por vezes, espaço doméstico adequado, ambiente propício à concentração, velocidade de internet suficiente, equipamentos apropriados. Assim, a cada desligamento do programa, um sentimento triste de dor, perda e impotência se abatia sobre todos e todas.

Mas, apoiado sobre os ombros desses e dessas jovens incansáveis e resilientes, o programa sobreviveu aos mais de dois anos de pandemia e aos quatro anos de um governo de extrema-direita. O retorno das atividades presenciais em 2023 trouxe luz sobre as atividades que haviam ficado na escuridão do isolamento social, como o Teatro do Oprimido, O Economês presencial nas escolas públicas, os

encontros literários ao ar livre, as reuniões semanais novamente presenças, a distribuição das resenhas entre os estudantes nos corredores do curso e a volta do convívio com os colegas na universidade, seja no teatro, na biblioteca, no restaurante universitário, nas cantinas, nos gramados. E junto, a constatação de que, mesmo em momentos trágicos e dolorosos como o da pandemia, ideias surgem, perseveram e se mantêm mesmo após a passagem do vendaval. Ou seja, muitas das atividades criadas ao longo da pandemia mostraram-se tão exitosas que sobreviveram até os dias atuais.

Os podcasts se tornaram um sucesso de audiência na internet, assim como os textos das resenhas e das Revistas do Pet Economia. Temas como o papel da mulher na sociedade, o racismo, o fascismo, a desigualdade e a violência de gênero, a desigualdade social, a homofobia e a intolerância religiosa, o punitivismo penal, a privatização de presídios e a violência policial, a destruição da natureza e o grave problema ambiental sob a égide do capitalismo contemporâneo, entre tantos outros, foram abordados pelos e pelas jovens que se sentiam inconformados com os rumos que a humanidade tomava. Parecia que o avanço mundial da intolerância e do ódio contra minorias e contra os pobres e marginalizados aguçava ainda mais o inconformismo desses e dessas jovens que olhavam criticamente a sociedade contemporânea.

O Economês nas escolas públicas e junto aos integrantes da Universidade Aberta à Pessoa Idosa e o retorno do Teatro do Oprimido abriram, novamente, o espaço necessário ao diálogo com as pessoas para além dos portões da Universidade. Movimentos de ocupações de

moradias, movimento dos trabalhadores sem-terra, movimentos em defesa dos direitos dos entregadores de aplicativos, integrantes de escolas de samba, entre outros recebiam a visita dos integrantes do PET Economia e proporcionavam um rico intercâmbio de experiências e vivências. Cada uma dessas atividades trazia uma experiência ímpar aos estudantes inseridos no programa de educação tutorial. Sem falar nos encontros locais entre grupos PET, além dos encontros regionais e nacionais que voltavam ao formato presencial. A convivência social e o contato vivo com estudantes e tutores de todo o país faziam o sorriso voltar a brilhar nos rostos de todos nós que participávamos ativamente desses momentos tão especiais.

Enfim, o Programa de Educação Tutorial tem esse potencial de despertar no corpo discente, e mesmo nos tutores, toda a potencialidade represada por anos de educação básica e fundamental acríticas. No espaço onde impera o ensino, a pesquisa e a extensão, o tripé acadêmico em sua forma mais autêntica, jovens das mais variadas idades são estimulados a se imergirem na realidade social, observarem atentamente os fenômenos concretos, interpretar as formas como tais fenômenos se manifestam e proporem estratégias de intervenção no domínio social. Mas, para que todo esse esforço científico seja possível, torna-se imprescindível que o(a) estudante tenha tempo para se dedicar e tenha recursos para se manter. Daí a importância da bolsa pecuniária que permite ao jovem petiano dedicar 20 horas semanais, para além das horas obrigatórias dedicadas às disciplinas da graduação, com o intuito de preparar sua

formação com todo esmero que a ciência pressupõe.

A minha utopia? Que a Universidade pública brasileira se torne um grande Programa de Educação Tutorial. Jovens das mais diversas áreas do conhecimento podendo se dedicar, em tempo integral, à pesquisa, ao ensino e à extensão. Auxiliados por uma bolsa permanência, capaz de suprir as refeições diárias, o acesso aos textos, o custo do transporte público, o aluguel da república, entre outros, tais jovens se agarrariam a essa possibilidade e se dedicariam a área do conhecimento que os atraiu até a Universidade. Afinal, a evasão, a retenção, o abandono da graduação em muito se devem à ausência de condições materiais para que esses estudantes prossigam na carreira acadêmica. Especialmente após o sucesso da política de cotas em nosso país, cada vez mais a Universidade Pública se abre a uma imensa parcela de nossa população que precisa do apoio representado pelas bolsas permanência. Caso contrário, serão forçados a abandonar seus estudos para ajudarem na manutenção suas e de suas famílias.

De minha parte, agradeço a cada estudante com o qual convivi dentro do PET Economia pelo enriquecimento como professor, como tutor e como pessoa. Aprendi com os jovens o que dizer e o que não dizer frente às transformações sociais e culturais de nosso tempo. Percebi que a organização, a disciplina e o cumprimento de horários são essenciais ao bom desempenho de um grupo. A responsabilidade é tamanha que chegava, por vezes, a deixar-me sem dormir, preparando e corrigindo roteiros de atividades. Mas tudo isso trazia uma recompensa muito maior, a satisfação de perceber que cada ação de

ensino, de pesquisa e de extensão que o PET realizava nos tornava seres humanos mais atentos e preocupados com a sociedade, especialmente, com aqueles que mais precisam de um olhar atento e de respostas satisfatórias.

Que o PET Economia continue sendo esse laboratório de análise, transformação e emancipação sociais. Que o pensamento crítico, cidadão e humano pautar cada decisão, cada escolha e cada ação do programa. Que cada novo ou nova integrante do programa se transforme num agente da mudança social. Essa é a revolução que a educação proporciona: parafraseando Paulo Freire, uma revolução pautada na conscientização crítica, libertadora e capaz de promover a luta pela autonomia de cada cidadão, até o momento que as amarras da dominação se desfazem e aos indivíduos é proporcionado o direito de alimentar expectativas de um futuro mais justo e igualitário, onde a fome, o desemprego, a privação, a dor e o sofrimento cedam lugar à segurança alimentar, ao direito ao lazer e à cultura, à possibilidade de sonhar, sorrir e de ser feliz.